



MALORIE

SEQUÊNCIA DO
FENÔMENO MUNDIAL
CAIXA DE PÁSSAROS

JOSH MALERMAN

MALORIE

JOSH MALERMAN

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2020 by Josh Malerman

TÍTULO ORIGINAL

Malorie

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Inês Coimbra

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO

Antonio Rhoden

DESIGN DE CAPA

©blacksheep-uk.com

FOTO

© Shutterstock / Depositphotos

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M213m

Malerman, Josh. 1975-

Malorie / Josh Malerman : tradução Alexandre Raposo. - 1. ed.

- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

288 p. : 23 cm.

Tradução de: Malorie

Sequência de: caixa de pássaros

ISBN: 978-65-5560-025-4

I. Ficção americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

20-64172

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel. Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Malorie é para Kristin Nelson.

A ESCOLA PARA CEGOS
JANE TUCKER



Malorie se encosta na parede de tijolos da sala de aula. A porta está trancada. Ela está sozinha. As luzes foram apagadas.

Ela está vendada.

Lá fora, no corredor, a violência começou.

Ela conhece aquele som, ouviu-o em pesadelos, nos ecos de uma casa devastada, repleta de pessoas sãs que despedaçavam umas às outras enquanto ela dava à luz seu filho.

Agora Tom está lá fora, em meio à violência.

Malorie não sabe onde.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

Alcança a porta para destrancá-la, abri-la e achar o filho e a filha entre os gritos, a histeria, o frenesi. Algo estala do outro lado da porta. Parece alguém batendo a cabeça na parede do corredor.

Ela se afasta da maçaneta.

Quando viu Olympia pela última vez, a menina de seis anos estava lendo livros em braile na Biblioteca Tucker. Havia mais uma dúzia de pessoas ali, ouvindo a música clássica que tocava no toca-discos do escritório e era reproduzida pelos alto-falantes da escola.

Agora, Malorie ouve as vozes dessas pessoas.

Ela precisa saber se a violência chegou à biblioteca. Se chegou à sua filha. Nesse caso, ela vai procurar Tom primeiro.

Ela ouve.

Seus filhos a ensinaram muito sobre ouvir desde que chegaram à Escola para Cegos Jane Tucker. E por mais que Malorie nunca vá ouvir o mundo como eles, ela pode tentar.

Mas há muito barulho lá fora. Caos. É impossível distinguir uma voz da outra.

Ela pensa em Annette. A mulher cega, muito mais velha do que ela, cujo nome ouviu ser gritado momentos antes, enquanto Malorie, faminta, caminhava pelo corredor em direção ao refeitório. Antes que Malorie tivesse tempo de processar a natureza do grito, a própria Annette entrou no corredor, roupão azul, cabelo ruivo oscilando como sirenes giratórias, empunhando uma faca. Malorie teve tempo de perceber os olhos abertos e desfocados da mulher antes de fechar os seus.

Ela é cega... como enlouqueceu?, pensou Malorie. Então, ficou imóvel. Annette passou por ela, com a respiração pesada, movendo-se com rapidez. Ao ouvir os primeiros uivos guturais vindos de dentro da escola, Malorie caminhou às cegas para a sala de aula mais próxima e trancou a porta.

Ela volta a segurar a maçaneta.

A última vez que viu Tom, ele estava no que antes era a sala dos funcionários, com as peças de uma nova invenção apoiadas nos joelhos. Malorie é responsável por aquelas peças. Com apenas seis anos, Tom, o menino, inventa como outrora inventava seu homônimo, Tom, o homem. O instinto de Malorie costuma incentivar esse ímpeto. Ela sente que é isso que uma mãe deve fazer. Ou, talvez, o que uma mãe *deveria fazer* no velho mundo. Agora, ali, ela sempre destrói o que Tom inventa e lembra que a venda é a única proteção da qual qualquer um deles vai precisar.

No entanto, Annette é cega.

E agora está louca.

Malorie ouve um palavrão repentino do outro lado da porta trancada. Duas pessoas estão brigando no corredor. Um homem e uma mulher. Pelos sons que estão fazendo, não é difícil imaginar

o que está acontecendo. Agarrões, arranhões. Dedos nos olhos e no pescoço, o estalar de um osso e algo que soa como um pescoço sendo esmagado.

Com as próprias mãos?

Malorie não se move. Um corpo se choca contra a porta de madeira e desliza para o chão de azulejos. O vencedor da luta, ele ou ela, ofega ali fora.

Malorie escuta. Ela inspira, prende a respiração, expira. Sabe que não há como evitar o pânico. Ela quer ouvir mais adiante no corredor, além da respiração, os gritos das pessoas que moram ali, o que dizem exatamente, a localização precisa de seus filhos. Ela se lembra de ter dado à luz no sótão de uma casa, um lugar muito menor do que aquele. Ela se lembra de um grito vindo do andar de baixo: *Don arrancou os cobertores!*

Quem os arrancou agora?

No corredor, a respiração parou. Mas os sons distantes de punhos na madeira, punhos contra punhos e os últimos vestígios de sanidade estão ficando mais altos.

Malorie destranca a porta da sala de aula. Ela a abre.

Não há movimento no corredor. Ninguém avança em sua direção. Ninguém diz nada. Seja lá quem tenha ganhado a luta, agora já se foi. Uivos ecoam no fundo do prédio. Prenúncios abafados da morte, últimas palavras e desejos. Socos, madeira estalando. Há gritos e frases sem sentido, portas se escancarando e se fechando. Crianças chorando. A música do escritório continua.

Malorie passa por cima do corpo na soleira da porta aberta. Ela entra no corredor, encostada à parede. Um alarme soa. A porta da frente da escola está aberta. A pulsação rítmica do alarme destoa tanto da música clássica que, em um segundo de confusão, Malorie acha que também enlouqueceu.

Seus filhos estão em algum lugar em meio àquele furor.

Trêmula, ela tenta fechar os olhos pela terceira vez, por trás de suas pálpebras já fechadas, por trás da venda atada com firmeza ao

redor da cabeça, bloqueando a ideia de como tudo aquilo deve ser visualmente.

Ela desliza pela parede de tijolos. Não chama Tom ou Olympia, embora seja tudo o que queira fazer. Ela inspira, prende a respiração, expira. Os tijolos arranham seus ombros e braços nus e agarram o tecido da camiseta branca que está usando. O alarme fica mais alto enquanto ela se aproxima do fim daquele corredor, do mesmo lugar de onde Annette, a ruiva, veio correndo em sua direção com uma faca enorme empunhada. Pessoas gritam à sua frente. Alguém está perto. Botas pesadas e desajeitadas no chão, o grunhido de alguém desacostumado a fazer tanto esforço.

Malorie fica imóvel.

A pessoa passa por ela, respirando com dificuldade, murmurando para si mesma. Está louca? Malorie não sabe. Não tem como saber. Ela apenas desliza pela parede, sentindo-se ligeiramente grata pelos dois anos em que morou ali. Pela pausa na jornada. Mas essa gratidão é uma bolinha de gude que se perde em um mar de outras bolinhas, para nunca mais ser encontrada. O horror que ela havia muito esperava chegou.

Não se descuide.

Seu mantra de três palavras agora não significa nada. A prova? Ela já se descuidou: não sabe onde os filhos estão.

Um estrondo metálico tropeja pelo edifício; a música e o alarme ficam mais altos.

Malorie não tenta acalmar as crianças que ouve. Não estende os braços na escuridão para ampará-las. Ela apenas desliza, agora tão junto à parede que os tijolos arrancam-lhe sangue.

Há um movimento à frente, vindo em sua direção, passos rápidos e determinados. Ela prende a respiração. Mas a pessoa não passa.

— Malorie?

Alguém com os olhos abertos. Uma mulher. Quem?

— Deixe-me em paz — diz Malorie. — Por favor.

Ela ouve o eco da própria voz implorando, seis anos antes, no sótão em que deu à luz.

— Malorie, o que aconteceu?

Malorie acha que é uma mulher chamada Felice. Só o que importa é se a pessoa está louca ou não.

— Eles entraram? — pergunta a mulher.

— Eu não..

— *Estão todos loucos!* — diz a mulher.

Malorie não fala nada. Ela pode estar armada.

— Você não pode ir nessa direção — diz a mulher.

Malorie sente a mão de alguém em seu pulso nu. Ela puxa o braço e bate o cotovelo nos tijolos.

— O que há de *errado* com você? — pergunta a mulher. — Acha que eu estou louca?

Malorie se afasta, braços estendidos, preparada para ser ferida. Segue para o fim do corredor, onde sabe que há uma espécie de cristaleira ocupando toda a parede, algo que antes ostentava troféus, conquistas, provas de progresso em uma escola para cegos.

Ela bate na cristaleira antes do esperado.

Seu ombro bate primeiro, os cortes são rápidos e quentes, a dor é intensa. Ela grita, mas sua voz é abafada pelo caos crescente nos corredores.

Ela não para. E ainda não chama pelos filhos. Tateando a parede com os dedos sujos de sangue, se aproxima dos lamentos, dos gritos, do metal contra metal, dos punhos contra punhos.

Alguém roça seu ombro. Malorie se vira rapidamente e empurra, mas não toca nada.

Não há ninguém ali. Mas ela sente frio. Não quer ser tocada por ninguém.

Por nada.

Ela pensa em Annette, cega e ainda assim louca.

Sim, uma pessoa podia enlouquecer à moda antiga. Mas Malorie conhece o olhar específico da loucura causada pelas criaturas.

Annette não enlouqueceu simplesmente. E, se ela não enxergava... o que aconteceu?

— Mãe!

Malorie para. É Olympia? É o grito urgente, embora distante, da menina a quem ela não deu à luz, mas que mesmo assim criou como filha?

— Alguém desligue essa música — diz Malorie, precisando falar algo, precisando ouvir uma voz sã e familiar enquanto arrasta os dedos pelos tijolos, apalpando em seguida o quadro de avisos da comunidade que nos últimos dois anos informou as pessoas sobre os eventos da escola.

Mais à frente, um grito. Atrás, madeira rachando. Alguém passa por ela. Outra pessoa passa em seguida.

Malorie não chora. Apenas se move, joelhos bambos, ombro dolorido pelo ferimento recente. Seus ouvidos se aguçam para o eco da voz que gritou *mãe*, um de seus filhos, talvez, subindo à superfície para tomar ar, antes de afundar novamente nas ondas furiosas mais à frente no corredor.

Ela diz a si mesma que deve se mover com propósito, mas lentamente. Precisa se manter alerta, de pé.

Um menino grita à sua frente. Uma criança. Parece ter enlouquecido.

Ela inspira, prende a respiração, expira. Caminha na direção do som ensurdecedor, os ruídos de uma comunidade inteira enlouquecendo ao mesmo tempo. Uma segunda criança, talvez. Uma terceira.

— Elas entraram — diz ela.

Mas não precisa dizer aquilo. E, dessa vez, sua voz não lhe traz nenhum conforto.

À sua direita, uma porta bate. À esquerda, algo sobre rodas se choca com os tijolos. Pessoas gritam palavrões. Malorie tenta não imaginar como devem ser aquelas cenas. As expressões dos homens e das mulheres com quem ela compartilha aquele edifício há dois anos. Os fragmentos nos tijolos. Os destroços. Os ferimentos e o sangue. Ela tenta negar até mesmo a lembrança de tal visão, como se o fato de imaginar o que está acontecendo naquele espaço pudesse levá-la à loucura.

Ela se recusa a imaginar uma criatura. Não vai se permitir uma coisa dessas.

Algo machuca seu ombro ruim. Malorie o cobre com a mão. Ela não quer ser tocada. Acha que Annette foi tocada. É preocupante, aterrorizante, que as criaturas tenham começado a... *tocar*.

Mas talvez tenha sido um pedaço de madeira. Outro tijolo. Um dedo decepado da mão de alguém.

Uma mulher uiva. Uma criança fala.

Fala?

— Mãe.

Uma mão sobre a sua.

Não leva mais de um segundo para ela reconhecer o toque de Olympia.

A loucura aumenta à sua frente.

— Por aqui — diz a menina.

Malorie não pergunta à filha por que estão caminhando em direção à violência em vez de se afastarem dali. Ela sabe que é porque Tom deve estar do outro lado daquela cena.

Mesmo tendo apenas seis anos, Olympia a guia.

Malorie chora. Não consegue evitar. Como se, em sua escuridão pessoal, ela fosse levada para dentro da casa no momento em que Don arrancou os cobertores. Como se ela nunca tivesse descido o rio até a Escola para Cegos Jane Tucker. Como se estivesse caindo, de costas, do piso do sótão até os eventos terríveis que ocorriam lá embaixo.

Tom, o homem, morreu naquele dia. O homônimo de seu filho. No entanto, Malorie não testemunhou sua morte. Ela fora removida, se é que esse é o termo correto, e estava mais segura no sótão do que as pessoas lá embaixo. Mas ali, agora, ela ouve a carnificina de perto, sem uma laje separando-a do que está acontecendo. Pessoas comuns se transformando; homens e mulheres, outrora normais, agora enlouquecidos, xingando, ferindo uns aos outros e a si mesmos.

Algo enorme cai. Vidro explode.

Se a filha falasse, Malorie não conseguiria ouvi-la. Elas estão no meio daquilo.

Olympia aperta sua mão um pouco mais forte.

Alguém se choca com Malorie, canela contra canela. Então, outra vez, tijolos tocam seu ombro ruim. Ela reconhece algumas vozes. Eles passaram dois anos ali. Conhecem as pessoas. Fizeram amigos.

Fizeram?

Enquanto Malorie adentra a loucura cada vez mais, ouve uma pergunta distante, feita pela própria voz, em sua própria mente, indagando se suas rígidas precauções de segurança eram justificáveis, o fato de costumar ser repreendida por usar venda em ambientes fechados. Ah, como as pessoas daquele lugar se ofendiam com suas medidas. Ah, como aquilo os fazia pensar que Malorie se considerava melhor do que os demais.

— Tom — chama Olympia.

Ou Malorie acha que a ouviu dizer isso. O mesmo nome do homem que ela mais admirou neste mundo, o otimista em um momento de desespero inimaginável. Sim, Tom, o menino, é muito parecido com Tom, o homem, embora o homem não fosse pai dele. Malorie não pode impedi-lo de querer inventar vendas mais fortes, de cobrir as janelas com camadas de madeira, de pintar janelas falsas na sala da casa que há dois anos consideram seu lar.

Mas ela pode impedi-lo de fazer aquilo.

Alguém atinge Malorie na lateral da cabeça. Ela se esquiva, tenta empurrar a pessoa para longe, mas Olympia a puxa ainda mais para o meio da insanidade.

— Olympia — diz ela.

Depois não diz mais nada. Não consegue falar.

Sente corpos pressionando o seu, escuta objetos quebrando logo acima e mais atrás, ouve xingamentos junto à sua orelha.

Se quiser, ela pode imaginar aquilo como uma comemoração, os gritos não mais de terror, mas de emoção. Os baques pesados sendo apenas pés sobre uma pista de dança. Sem angústia, apenas alegria.

Foi assim que Tom, o homem, escolheu ver este mundo? E se foi... será que ela conseguiria fazer o mesmo?

— Tom — diz Olympia.

Dessa vez, Malorie ouve com clareza e entende que elas estão do lado oposto da violência.

— Onde?

— Aqui.

Malorie estende a mão, sente o batente da porta de uma sala de aula aberta. Há cheiro de gente ali dentro.

— Tom? — chama ela.

— Mãe — diz Tom.

Ela pressente o sorriso em sua voz. Percebe que ele está orgulhoso.

Vai até ele, agacha-se e apalpa os olhos do filho. Estão cobertos com algo que parece papelão, e Malorie se lembra de Tom, o homem, usando um capacete feito com almofadas de sofá e fita adesiva.

O alívio que ela sente não é alterado pelo caos nos corredores. Seus filhos estão novamente com ela.

— Levantem-se — diz Malorie, a voz ainda trêmula. — Estamos indo embora.

Ela entra ainda mais no quarto, encontra as camas e pega três cobertores.

— Vamos descer o rio outra vez? — pergunta Tom.

Para além deles, a loucura não diminui. Botas ecoam pelos corredores. Vidros se quebram. Crianças gritam.

— Não — diz Malorie. E, acrescenta, frenética: — Não sei. Não tenho um plano. Peguem isso.

Ela entrega um cobertor para cada um.

— Cubram-se da cabeça aos pés.

Ela pensa em Annette, cega, roupão azul, cabelo vermelho, a faca.

— Eles podem nos tocar agora — diz ela.

— Mãe — diz Tom, mas Malorie segura a mão dele.

A violência aumenta, abafando as perguntas que o menino estava prestes a fazer.

Olympia pega a outra mão de Malorie.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

— Agora — diz ela. — Nós vamos... *agora*.

Os três saem da sala de aula e entram no corredor.

— A porta da frente — diz ela.

A mesma porta pela qual entraram há dois anos, o corpo e a mente de Malorie devastados por tanto remar e pelo terror constante de navegar às cegas.

E também pelo medo de um homem chamado Gary.

— Malorie?

Debaixo do cobertor, Malorie aperta as mãos dos filhos. É um homem chamado Jesse quem fala com ela. Malorie sabe que, quando era são, Jesse tinha uma quedinha por ela. Agora não parece estar são.

— Malorie? Para onde você está levando as crianças?

— *Vamos* — diz Malorie.

Ela não se vira, não responde Jesse, que começou a segui-los.

— Malorie — chama ele. — Você não pode ir.

Ela cerra o punho, se volta e desfere o golpe.

Seu punho atinge o que ela acredita ser o queixo de Jesse.

Ele grita.

Ela agarra as mãos dos filhos.

Tom e Olympia a acompanham, e os três caminham em direção à porta da frente.

— Minha venda funcionou — diz Tom.

Apesar do horror, há orgulho em sua voz.

— É aqui — diz Olympia, indicando a porta.

Malorie apoia a palma da mão no batente da porta. Ela tenta ouvir a voz de Jesse. De qualquer um.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

— Quantas lá fora? — pergunta. — Quantas vocês estão ouvindo?

As crianças ficam em silêncio. O frenesi continua dentro da escola. Mas agora parece distante. Mais distante. Malorie sabe que Tom quer responder à sua pergunta com exatidão. Mas ele não consegue.

— São muitas para contar — diz ele.

— Olympia?

Uma pausa. Um estrondo muito atrás. Um grito.

— Muitas — diz Olympia.

— Certo. *Certo*. Não tirem os cobertores. Continuem usando até segunda ordem. Agora elas podem nos tocar. Vocês entenderam?

— Sim — diz Tom.

— Sim — diz Olympia.

Malorie tenta fechar os olhos pela terceira vez. Tenta bloquear a imaginação para o que espreita do lado de fora.

Muitas.

Ela tenta fechar os olhos pela quarta, quinta, sexta vez. Quer comentar sobre como aquilo é injusto. Quer dizer isso para alguém da sua idade. Alguém nascido e criado antes da chegada das criaturas. Como é injusto uma mãe e seus filhos terem de fugir subitamente do local que chamam de lar e sair para um mundo onde as ameaças são piores do que as que estão deixando para trás.

Ela agarra as mãos dos filhos e dá o primeiro passo para se afastar da Escola para Cegos Jane Tucker.

Aquele é o novo mundo. É assim que as coisas são e têm sido há muitos anos.

Da histeria ao completo desconhecido.

Os três, cegos, envoltos em tecidos, indo embora.

Sozinhos.

Outra vez.

Doze anos se passaram desde que Malorie e os filhos atravessaram o rio com vendas no rosto, mas tapar os olhos ainda é uma regra que não podem deixar de seguir. Eles sabem que apenas um vislumbre das criaturas pode levar pessoas comuns a uma violência indescritível.

Ainda não há explicação. Nenhuma solução.

Tudo o que Malorie pode fazer é sobreviver... e transmitir aos filhos sua determinação. Não se descuidem, diz a eles. Fiquem vendados. **E NÃO ABRAM OS OLHOS.**

Quando eles tomam conhecimento de uma notícia que parecia impossível, Malorie se permite ter esperança pela primeira vez desde o início do surto. Há sobreviventes. Pessoas que ela considerava mortas, mas que talvez estejam vivas.

Junto dessa informação, porém, ela acaba descobrindo coisas aterrorizantes: em lugares não tão distantes, alguns afirmam ter capturado as criaturas e feito experimentos. Invenções monstruosas e ideias extremamente perigosas. Além disso, circulam rumores de que as próprias criaturas se transformaram em algo ainda mais assustador.

Malorie agora precisa fazer uma escolha angustiante: viver de acordo com as regras de sobrevivência que funcionaram tão bem até então, ou se aventurar na escuridão e buscar a esperança mais uma vez.

Saiba mais em:

www.intrinseca.com.br/livro/965

